



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS – TEL
MONOGRAFIA EM LITERATURA

MARIANA NASCIMENTO MASCIANO

11/0150732

**DESTRUIÇÃO E ESPERANÇA EM
“A ROSA DO POVO”**

Mariana Nascimento Masciano

**DESTRUIÇÃO E ESPERANÇA EM
“A ROSA DO POVO”**

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas, da Universidade de Brasília, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Adriana de Fátima Barbosa Araújo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. DESENVOLVIMENTO	7
2.1. Poema I: A Flor e a Náusea.....	7
2.2. Poema II: Morte do Leiteiro.....	10
2.3. Poema III: Cidade Prevista	13
3. CONCLUSÃO	15
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	17

1. INTRODUÇÃO

“Posso, sem armas, revoltar-me?”

Carlos Drummond de Andrade

Este trabalho tem por objetivo analisar de que forma a crítica e a análise social presentes na obra *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade, dialogam com os temas da destruição e esperança, mais precisamente dentro de três poemas específicos: *A Flor e a Náusea*, *Morte do Leiteiro* e *Cidade Prevista*.

A Rosa do Povo, publicada em 1945, é considerada um ponto de referência quando se trata do amadurecimento do poeta. Carlos Drummond de Andrade dá início à sua atividade artística em meio a eventos nacionais e internacionais de grande relevância, o que acaba criando uma nova percepção da realidade. Um exemplo é a crise econômica mundial, decorrente da quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929, a qual provocou grande efeito na economia brasileira, uma vez que afetou a exportação de café, alicerce da economia do país, mas considerado supérfluo na conjuntura financeira da época. Esse produto, além de ter forte impacto na economia, tinha efeito também na política, já que sustentava a alternância de poder entre os oligarcas de Minas Gerais e São Paulo. No ano seguinte, 1930, Getúlio Vargas assume o poder.

As décadas de 30 e de 40 vieram ensinar muitas coisas úteis aos nossos intelectuais. Por exemplo, que o tenentismo liberal e a política getuliana só em parte aboliram o velho mundo, pois compuseram-se aos poucos com as oligarquias regionais, rebatizando antigas estruturas partidárias, embora acenassem com lemas patrióticos ou populares para o crescente operariado e as crescentes classes médias. Que a ‘aristocracia’ do café, patrocinadora da *Semana*, tão atingida em 29, iria conviver muito bem com a nova burguesia industrial dos centros urbanos, deixando para trás como casos psicológicos os desfrutadores literários da crise. Enfim, que o peso da tradição não se remove nem se abala com fórmulas mais ou menos anárquicas nem com regressões literárias ao Inconsciente, mas pela vivência sofrida e lúcida das tensões que compõem as estruturas materiais e morais do grupo em que se vive. Essa compreensão viril dos velhos e novos problemas estaria reservada aos escritores que amadureceram depois de 1930: Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Carlos Drummond de Andrade... O Modernismo foi para eles uma porta aberta: só que o caminho já era outro. (BOSI, 2015, p.370)

Na Europa, as vanguardas favoreceram a edificação de uma atmosfera intelectual, cenário esse que contribuiu para a formação do que seria o modernismo brasileiro. Mídias de comunicação em massa, como jornais, expandiam-se cada vez mais e para um público maior. O advento do rádio também fez com que as informações fossem transmitidas de forma muito rápida e com considerável alcance, tornando-se um meio essencial para a propaganda política.

No âmbito econômico e político internacional, era uma época de grandes mudanças, o que culminou em um quadro de muita tensão (um exemplo disso foi a I e a II Guerra Mundial).

Já em sua vida pessoal, o poeta muda-se para a capital a convite do então ministro da educação, e amigo de infância, Gustavo Capanema. A partir desse momento, a vida de Drummond começa a tomar caminhos diferentes, pois agora se encontrava inserido dentro da máquina pública que, na época, estava sob regime ditatorial. “O vir-a-ser escritor, em seu movimento expansivo e exploratório, em sua busca por uma identidade social e artística, justapôs-se ao vir-a-ser intelectual, exigindo que o homem de letras atuasse também como gestor (ou auxiliar) público de políticas culturais.” (SAID, 2005, p. 55)

Com isso, a poética de Drummond passa a ter outras perspectivas e isso transparece em sua escrita. Segundo Affonso Romano de Sant’Anna (2008), seus poemas, antes permeados pela paisagem mineira, dão espaço a novas temáticas. “A cidade, como um espaço condensado, acelera a atividade humana repartindo o personagem numa série de movimentos que o levam a sentir a angústia da fragmentação. Na cidade, o tempo se concretiza.” (SANT’ANNA, 2008, p. 94)

A importância de ter como referência o contexto político e social no qual vivia o autor foi ressaltada por Antônio Cândido em seu livro *Literatura e Sociedade*:

Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo. (CÂNDIDO, 2006, p.16)

Por conseguinte, ao analisar *A Rosa do Povo*, fica evidente a influência do meio social na obra.

O poema de Drummond pode ser visto sob uma perspectiva política não apenas em virtude do esforço crítico nessa direção, mas também, e, sobretudo, pois é um poema que está comprometido com a ideia de política. Em vez de apenas ressaltar as categorias do poder hegemônico, o eu-lírico de Drummond evidencia também o comprometimento do artefato cultural com o poder. (PILATI, 2007, p.29)

Ainda segundo Pilati (2007, p. 39) “como objeto cultural, e não apenas como material formalizado, a obra de arte reflete tudo em si e está refletida em tudo. Por isso é indispensável considerar, no processo da análise estética, a obra viva e significativa, do ponto de vista social político e econômico.”

Os anseios políticos de Drummond são sentidos em seus versos, sendo sua forma de registro de como todas as mudanças que estavam ocorrendo mexiam com o seu ‘ser’ e, de certa forma, essa *inquiétude* passa a ser compreendida por seu leitor. Para Cândido (2011, p. 86), em *Inquietudes na poesia de Drummond*, “já ficou dito que todas essas inquietações (material sobre que trabalha o poeta) adquirem validade objetiva pelo fato de se vincularem a uma outra: a meditação constante e por vezes não menos angustiada sobre a poesia”.

A *Rosa do Povo* é o ápice da produção de Carlos Drummond de Andrade. Ela está inserida “num quadro mais amplo, que abarca os anos 30 e 40, impondo ao poeta a necessidade de posicionamento diante de acontecimentos como a expansão do fascismo, a guerra de Espanha, a Guerra Mundial. ” (PILATI, 2007, p. 141)

O Drummond ‘poeta público’ da *Rosa do Povo* foi a fase intensa, mas breve, de uma esperança que nasceu sob a Resistência do mundo livre à fúria nazifascista, mas que logo se retraiu com o advento da Guerra Fria. A civilização que se forma sob os nossos olhos, fortemente amarrada ao neocapitalismo, à tecnocracia, às ditaduras de toda sorte, ressoou dura e secamente no *eu* artístico do último Drummond (BOSI, 2015, p. 418)

A obra revela, habilmente, como o autor dialoga com a história, ao mesmo tempo que expõe as inquietações de um poeta moderno em meio a tantas transformações.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Poema I:

A Flor e Náusea

*Preso à minha classe e a algumas roupas,
vou de branco pela rua cinzenta.*

Melancolias, mercadorias, espreitam-me.

Devo seguir até o enjôo?

Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:

Não, o tempo não chegou de completa justiça.

*O tempo é ainda de fezes, maus poemas,
alucinações e espera.*

*O tempo pobre, o poeta pobre
fundem-se no mesmo impasse.*

*Em vão me tento explicar, os muros são
surdos.*

Sob a pele das palavras há cifras e códigos.

O sol consola os doentes e não os renova.

*As coisas. Que tristes são as coisas,
consideradas sem ênfase.*

Vomitam este tédio sobre a cidade.

*Quarenta anos e nenhum problema
resolvido, sequer colocado.*

Nenhuma carta escrita nem recebida.

Todos os homens voltam para casa.

Estão menos livres mas levam jornais

e soletram o mundo, sabendo que o perdem.

Crimes da terra, como perdoá-los?

Tomei parte em muitos, outros escondi.

Alguns achei belos, foram publicados.

Crimes suaves, que ajudam a viver.

Ração diária de erro, distribuída em casa.

Os ferozes padeiros do mal.

Os ferozes leiteiros do mal.

Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.

Ao menino de 1918 chamavam anarquista.

Porém meu ódio é o melhor de mim.

Com ele me salvo

e dou a poucos uma esperança mínima.

Uma flor nasceu na rua!

*Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço
do tráfego.*

Uma flor ainda desbotada

ilude a polícia, rompe o asfalto.

*Façam completo silêncio, paralisem os
negócios,*

garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.

Suas pétalas não se abrem.

Seu nome não está nos livros.

É feia. Mas é realmente uma flor.

*Sento-me no chão da capital do país às cinco
horas da tarde*

*e lentamente passo a mão nessa forma
insegura.*

*Do lado das montanhas, nuvens maciças
avolumam-se.*

*Pequenos pontos brancos movem-se no mar,
galinhas em pânico.*

*É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o
tédio, o nojo e o ódio.*

A *Flor e a Náusea* é um dos 55 poemas contidos na obra *A Rosa do Povo*. Logo no título, encontramos duas imagens que possuem significados completamente diferentes e, até mesmo, opostos: a flor, que representa beleza, natureza, vida; e a náusea, que é o enjoo, uma sensação desagradável e difusa de desconforto e mal-estar. Para Marlene de Castro Correia (2002, p. 24), “Novidade e tradição convivem na imagística de Drummond [...] A novidade

implica o descondicionamento do leitor, pois o poeta liberta a palavra de suas associações usuais, já incorporadas ao repertório de todos. ”

Esse é um processo característico de Drummond que permeia toda a obra *A Rosa do Povo*. Pegar palavras que são, em um primeiro momento, opostas e colocá-las juntas, uma completando o sentido da outra, é algo inovador na poesia e que “desconota a palavra das associações estabelecidas, conota-a por seu código individual, causando um impacto no leitor com a originalidade da imagem. ” (CORREIA, 2002, p. 24)

Na primeira estrofe, entramos em contato com um eu lírico que parece se sentir preso dentro si, ou seja, de seus trajes e costumes, e, assim, “Reconhecendo o seu condicionamento social. ” (CORREIA, 2002, p. 46). Além disso, esse sujeito lírico traz uma oposição de cores: “*vou de branco pela rua cinzenta*”. Essa é uma característica recorrente na obra, na qual o autor faz essa contraposição: as cores claras representam o bom, a alegria; e as escuras representam o medo, o ruim.

Os referentes escuros e luminosos alternam-se num eixo imagístico em torno do qual todo o pensamento poético-imagístico de Drummond se circunscreve harmonicamente. As duas cores fundamentais na obra de Drummond, assinala Diana Bernardes, são incontestavelmente o branco e o negro. (Sant’Anna, 2008, p. 187)

Esse eu-lírico está completamente tomado pela sensação de mal-estar causado, ao que tudo indica, pelo momento político e econômico atual. No verso “*melancolias, mercadorias espreitam-me*”, ao alinhar essas duas palavras, nota-se o desconforto com a mercantilização, pois é a união do concreto (*mercadoria*), com o sentimento (*melancolia*), o que torna evidente seu descontentamento com o mundo capitalista e consumista. Além disso,

A percepção do fato linguístico em presença – estrato fônico semelhante, estrato semântico diferente – confere densidade de significado às palavras em jogo, porque o receptor, como no caso dos homônimos, tem sua atenção orientada para as semelhanças e diferenças entre elas, concentrando-se na significação de cada palavra. O jogo fônico funciona portanto como recurso de ênfase semântica. (CORREIA, 2002, p. 19)

Para Sant’Anna (2008, p. 102) “a História passou a existir para o indivíduo e o indivíduo para a História naquele templum/cruzamento que congeminou o físico e metafísico. O corpo do *gauche* está se transformando em consciência da realidade. ”

O eu lírico está focado em seu sentimento em relação ao externo e a descrição do mundo exterior está colocada de acordo com o sentimento do “eu”: “*o tempo pobre, o poeta pobre/ fundem-se no mesmo impasse*”. Esse sujeito tenta se expressar, mas a sensação é de que ninguém o ouve, nem, muito menos, o compreende. Aqui, esse sujeito poético parece estar

consciente de sua figura dentro desse espaço de grandes mudanças, mas quase nenhuma é positiva. Para Marlene de Castro Correia (2002, p. 12), a “Pobreza do espaço-tempo histórico da grande cidade enquanto conjunto de destinatários pouco receptivos à poesia, por sua condição de alienados, mecânicos “servos do negócio” que são; e pobreza desse espaço-tempo enquanto fornecedor de matéria poética”. Além de que, “O desenvolvimento dos meios de informação, a progressiva divisão e especialização do trabalho, o crescimento da comunicação de massa parecem invalidar para os poetas contemporâneos a resposta dos antigos quanto à finalidade da poesia: ensinar e deleitar.” (CORREIA, 2002, p. 12)

O eu-lírico anda pelas ruas da cidade irrompendo a náusea, como se quisesse “*vomitar esse tédio pela cidade*”. A repulsa pelo cenário se mistura com a culpa, “*Crimes da terra, como perdoá-los/Tomei parte em muitos, outros escondi.*” De acordo com Affonso Romano de Sant’Anna, dentro de *A Rosa do Povo*, o eu-lírico – ou até mesmo o poeta – não é maior nem menor que o mundo, é equivalente. Para o eu-lírico, a modernidade não trouxe liberdade, mas sim uma nova forma de prisão “*Todos os homens voltam para casa. / Estão menos livres mas levam jornais / e soletram o mundo, sabendo que o perdem.*” Essa angústia vem da noção de que muitos eventos devastadores estão acontecendo pelo mundo “*Estão menos livres mas levam jornais*” (grifo meu), mas não há nada que ele possa fazer de concreto. A consciência temporal desse sujeito aflora concomitantemente aos eventos que estavam ocorrendo pelo mundo, como as mortes nos campos de concentração, bombas atômicas. “A consciência da destruição contínua e progressiva da vida é contraparte inevitável da consciência que o Ser tem do tempo.” (SANT’ANNA, 2008, p. 159)

Porém, “*Uma flor nasceu na rua!*”, essa flor, que não é bonita, nem colorida, mas é uma flor. Nessa parte do poema, o seu desabrochamento em meio à cidade e ao caos simboliza a esperança. Os versos que antes eram dedicados ao desânimo, náusea e horror, agora focam no aparecimento de uma flor, mesmo que ela não seja a mais bela ou perfumada. Para Antônio Cândido (2004, p. 127), “o desejo de transformar o mundo, pois, é também uma esperança de promover a modificação do próprio ser, de encontrar uma desculpa para si mesmo”. Essa frágil flor nasce como um alento para o mal-estar desse sujeito lírico, como uma gota de esperança em meio a tanta destruição.

2.2. Poema II:

A Morte do Leiteiro

*Há pouco leite no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há muita sede no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há no país uma legenda,
que ladrão se mata com tiro.
Então o moço que é leiteiro
de madrugada com sua lata
sai correndo e distribuindo
leite bom para gente ruim.
Sua lata, suas garrafas
e seus sapatos de borracha
vão dizendo aos homens no sono
que alguém acordou cedinho
e veio do último subúrbio
trazer o leite mais frio
e mais alvo da melhor vaca
para todos criarem força
na luta brava da cidade.
Na mão a garrafa branca
não tem tempo de dizer
as coisas que lhe atribuo
nem o moço leiteiro ignaro,
morador na Rua Namur,
empregado no entreposto,
com 21 anos de idade,
sabe lá o que seja impulso
de humana compreensão.
E já que tem pressa, o corpo
vai deixando à beira das casas
uma apenas mercadoria.
E como a porta dos fundos
também escondesse gente
que aspira ao pouco de leite
disponível em nosso tempo,
avancemos por esse beco,
peguemos o corredor,
depositemos o litro...
Sem fazer barulho, é claro,
que barulho nada resolve.
Meu leiteiro tão sutil
de passo maneiro e leve,
antes desliza que marcha.
É certo que algum rumor*

*sempre se faz: passo errado,
vaso de flor no caminho,
cão latindo por princípio,
ou um gato quizilento.
E há sempre um senhor que acorda,
resmungando e torna a dormir.
Mas este acordou em pânico
(ladrões infestam o bairro),
não quis saber de mais nada.
O revólver da gaveta
saltou para sua mão.
Ladrão? se pega com tiro.
Os tiros na madrugada
liquidaram meu leiteiro.
Se era noivo, se era virgem,
se era alegre, se era bom,
não sei,
é tarde para saber.
Mas o homem perdeu o sono
de todo, e foge pra rua.
Meu Deus, matei um inocente.
Bala que mata gatuno
também serve pra furtar
a vida de nosso irmão.
Quem quiser que chame médico,
polícia não bota a mão
neste filho de meu pai.
Está salva a propriedade.
A noite geral prossegue, a manhã custa a
chegar,
mas o leiteiro
estatelado, ao relento,
perdeu a pressa que tinha.
Da garrafa estilhaçada,
no ladrilho já sereno
escorre uma coisa espessa
que é leite, sangue... não sei.
Por entre objetos confusos,
mal redimidos da noite,
duas cores se procuram,
suavemente se tocam,
amorosamente se enlaçam,
formando um terceiro tom
a que chamamos aurora.*

“Há pouco leite no país, / é preciso entregá-lo cedo. / Há muita sede no país, / é preciso entregá-lo cedo. Há no país uma legenda, / que ladrão se mata com tiro.”

Logo na primeira estrofe do poema, já é possível definir seu tom. O “*pouco leite*” e a “*muita sede*” evidenciam a falta de recursos para atender a população mais necessitada. Essa imagem deixa bem claro a posição social em que o país se encontra. Além disso, nos últimos versos é demonstrada a mentalidade conservadora e de violência da época, mas que ainda se encontra presente na sociedade brasileira.

A primeira estrofe é feita daquilo que se poderia nomear por ‘legendas’ seguindo o termo utilizado pelo próprio poeta. São frases feitas de impessoalidade, mas que, por sua vez, marcam e determinam a vida organizada socialmente que se apresentará nos versos seguintes: “Há pouco leite no país / é preciso entregá-lo cedo”. As orações sem sujeito evidenciam traços básicos do Brasil capitalista. Evidencia-se a grande necessidade de produção, por um lado, e por outro a escassez do leite que é pouco para o país tão grande. O “é preciso”, dessa forma, atrita duas urgências: a de produção que mova o motor capitalista e a de justiça social. Os últimos versos fecham o quadro nacional com a alusão à violência e à necessidade de “salvar a propriedade”. Arma-se, pois, uma equação crítica as legendas, que colocam num só plano a desigualdade social, a propriedade privada, a produção excedente, a violência. (PILATI, 2007, p. 145)

A distinção entre “*leite bom para gente ruim*” mostra também como foi retratado a classe dominante, a que possuía meios para obter o leite, e a classe do proletariado, que era quem distribuía, mas não possuía condições de consumir. Além disso, a falta de nome do personagem principal reitera essa noção de segregação: o leiteiro é descrito apenas pelos objetos inerentes ao seu ofício “*Sua lata, suas garrafas/ e seus sapatos de borracha*”. “O personagem do martírio não é nomeado por substantivo próprio, mas pela palavra que lhe indica a função na divisão do trabalho. Sabe-se que é leiteiro, que é moço e que vem do último subúrbio.” (PILATI, 2007, p. 146). A pressa e o horário (enquanto ele trabalha, os senhores dormem) em que o leiteiro tem que desempenhar seu papel demonstram a realidade dos efeitos do capitalismo: a necessidade de produção em larga escala e a divisão de classes.

“O poema, aqui, na verdade diz: quem é ele? É possível conhecê-lo? O que ele sabe? Como o personagem não fala, é a sua condição de apenas mercadoria que falará. E é isso que deixa o leiteiro à beira das casas e à beira do poema: sua vida reificada, ‘apenas mercadoria’.” (PILATI, 2007, p. 147)

Na quinta estrofe, o poema muda seu tempo verbal “indicando conexão entre leitor, narrador, leiteiro” (PILATI, 2007, p. 148). “*E como a porta dos fundos/ também escondesse gente/ que aspira ao pouco de leite/ disponível em nosso tempo, / avancemos por esse beco, /*

peguemos o corredor, / depositemos o litro.../ Sem fazer barulho, é claro, / que barulho nada/ resolve. ”

Agora o jovem leiteiro se vira para aqueles que ‘estão nas portas dos fundos’, sem fazer barulho. Com esse gesto, ele enfrenta o sistema. Segundo Pilati (p. 4) “A clandestinidade do movimento de justiça social proposto pelo desvio do leiteiro está evidente nos termos utilizados pelo narrador: “escondesse”, “beco”, “sem fazer barulho”.

Se se pressupor que a porta dos fundos esconde alguém necessitado de leite que não pode pagar por ele, o movimento do leiteiro em direção a esse alguém é um movimento de base revolucionária. Entretanto, é o crime do leiteiro: transformar o leite- apenas-mercadoria em leite, apenas leite, em seu valor de uso, alimento básico para a humanidade [...] Não se trata apenas de entregar o leite a quem não pode pagar, mas sim restituir-lhe seu valor de uso: alimento vital para a espécie humana. Restituir isso à matéria leite é restituir também um pouco da humanidade do próprio leiteiro, do leitor e do narrador. Há uma esperança de transformação, logo, nessa cumplicidade. (PILATI, 2007, p. 148)

Embora tenha tentado, o leiteiro não consegue permanecer incógnito. Seus atos acordaram um senhor que levanta em pânico, afinal, “*ladrões infestam a cidade*”. “As ‘legendas’, que garantem a ordem, invadem as possibilidades cognitivas que facultariam ao senhor entender a situação, funcionam como diretrizes subliminares para acabar com o perigo que abala a propriedade. ” (PILATI, 2007 p. 149)

Para reiterar a ideia, nessa parte do poema, a arma passa a ser sujeito da ação. “*O revólver da gaveta / saltou para sua mão*”. Ou seja, é tirado o protagonismo da ação das mãos do homem que efetua o disparo.

“*Mas o homem perdeu o sono / de todo, e foge pra rua. /Meu Deus, matei um inocente.*” Apesar do suposto espanto, o senhor foge e não presta auxílio para o leiteiro. Aqui a narrativa toma um outro rumo, ao tomar ciência que se tratava de um inocente trabalhador, o tom muda: “*Bala que mata gatuno / também serve pra furtar / a vida de **nosso irmão**.* ”, porém, a frieza logo retorna: “*está salva a propriedade*”.

A fala obliquamente “cordial” do “senhor” evidencia que tudo vai sendo recolocado em seu lugar. A cruel frase “Está salva a propriedade” retoma o ritmo das legendas asseguradoras da ordem da mercadoria e da reificação. Ordem essa que no poema estava caracterizada pela atmosfera noturna de sono enquanto alienação. (PILATI, 2007, p. 150)

A manhã custa chegar, o que representa a angústia e tristeza da situação, além de uma falta de esperança no futuro, como se ele estivesse bem distante, há nessa dualidade entre “claro-escuro” a noção de bom e ruim. “As conotações negativas da palavra *noite* – angústia,

opressão, morte, solidão guerra, sofrimento – ressurgem constantemente na poesia drummondiana” (CORREIA, 2002, p. 29) “Ainda que haja iminência da manhã, a noite permanece sobre as coisas, sobre os homens e sobre o discurso.” (PILATI, 2007, p. 150).

A manhã enfim chega, mas a realidade ainda está estampada no chão. O sangue do leiteiro vai se misturando com o leite, talvez um encontro entre a vida e a morte, e, a partir dessa união, uma nova tonalidade vai se formando: “*a que chamamos aurora*”.

2.3. Poema III:

Cidade Prevista

*Guardei-me para a epopéia
que jamais escreverei.
Poetas de Minas Gerais
e bardos do Alto do Araguaia,
vagos cantores tupis,
recolhei meu pobre acervo,
alongai meu sentimento.
O que eu escrevi não conta.
O que desejei é tudo.
Retomai minhas palavras,
meus bens, minha inquietação,
fazei o canto ardoroso,
cheio de antigo mistério
mas límpido e resplendente.
Cantai esse verso puro,
que se ouvirá no Amazonas,
na choça do sertanejo
e no subúrbio carioca,
no mato, na vila X,
no colégio, na vila oficina,
território de homens livres
que será nosso país
e será pátria de todos.*

*Irmãos, cantai esse mundo
que não verei, mas virá
um dia, dentro em mil anos,
talvez mais... não tenho pressa.
Um mundo enfim ordenado,
uma pátria sem fronteiras,
sem leis e regulamentos,
uma terra sem bandeiras,
sem igrejas nem quartéis,
sem dor, sem febre, sem ouro,
um jeito só de viver,
mas nesse jeito a variedade,
a multiplicidade toda
que há dentro de cada um.
Uma cidade sem portas,
de casa sem armadilha,
um país de riso e glória
como nunca houve nenhum.
Este país não é meu
nem vosso ainda, poetas.
mas ele será um dia
o país de todo homem.*

O poema é escrito em versos brancos, em uma única longa estrofe e possui quarenta e cinco versos. O número quarenta e cinco pode ser remetido ao final da Segunda Guerra Mundial, que é também o ano do lançamento do livro. “O livro foi composto durante os anos da Segunda Guerra Mundial. O alvorecer da consciência temporal do autor coincide com o arrasamento das cidades e homens nos campos de concentração” (SANT’ANNA, 2008, p. 165)

Cidade Prevista se dirige de uma forma direta e objetiva aos seus interlocutores, como que para causar uma reação instantânea em quem lê. Ele é elaborado fazendo uso de expressões utópicas para a criação de um mundo idealizado. O poema tenta atingir a todos os poetas “*Poetas de Minas Gerais / e bardos do Alto do Araguaia*” para que eles possam dar

continuidade a essa vontade de um lugar melhor, e, para que isso aconteça, é necessário que as pessoas se voltem contra o opressor e estabeleçam essa paz. Ao mesmo tempo, esse sujeito poético se coloca como inábil diante dos horrores do mundo em guerra “*Guardei-me para a epopeia / que jamais escreverei*”.

A ironia romântico-moderna, em seu constante exercício do paradoxo, reverte os valores da equação homem = finito, mundo = infinito, e a impele para o pólo oposto, redimensionando-a na dualidade finitude do mundo-infinitude do Eu. [...] Da relação especular entre as duas esferas de realidade resulta uma imagem dupla: o homem é livre e infinito enquanto imaginação e espírito, mas limitado e finito enquanto ação” (CORREIA, 2002, p. 135)

O título simples sugere que “prever” acontecimentos do futuro não passa de mera imaginação. Porém, a forma como é composto mostra a vontade de lutar, junto a artistas, contra todas as injustiças e discriminações.

Cria-se entre o sujeito e os que o cercam uma solidariedade existencial, levando-o a mesclar o particular e o universal, pois “buscando a liberdade descobrimos que ela depende inteiramente da liberdade dos outros, e que a liberdade dos outros depende da nossa”... chegando imediatamente à conclusão: “Sou obrigado a querer, juntamente com a minha liberdade, a liberdade dos outros”. (SANT’ANNA, 2008, p. 99)

A forma que é descrito esse mundo futuro e idealizado, dá a ideia de como ele está naquele momento “*Um mundo enfim ordenado, / uma pátria sem fronteiras, / sem leis e regulamentos, / uma terra sem bandeiras, / sem igrejas nem quartéis, / sem dor, sem febre, sem ouro, / um jeito só de viver, / mas nesse jeito a variedade, / a multiplicidade toda/ que há dentro de cada um*”. Ou seja, de forma indireta, o poema está tecendo uma crítica ao país daquele momento. As coisas boas se perderam com a guerra. Em *Cidade Prevista* há uma clara oposição entre presente e futuro. O presente se encontra destruído e o futuro se torna algo necessário para que seja estipulada a solução dos problemas existentes. “Ainda no nível social, na utopia de ‘Cidade Prevista’ (RP) aspira uma ordem que resolva a tensão subjacente nos conflitos trágicos” (CORREIA, 2002, p. 85)

A guerra deixou muitas marcas em todos. *Cidade Prevista* é o resultado de um poeta cansado de tantas barbáries. É um apelo para o futuro que claramente não será instantâneo, por isso, esse eu-lírico pede que todos deem continuidade ao seu canto, pois a construção dessa nova realidade pode demorar. “O futuro a que se refere Drummond é a projeção não apenas de um anseio individual, mas coletivo” (SANT’ANNA, 2008, p. 111). A partir do apelo à luta, o sujeito poético anuncia a esperança.

3. CONCLUSÃO

A Rosa do Povo, livro ápice da criação de Carlos Drummond de Andrade, foi produzida em meio a diversas transformações e, por isso, não poderia estar alheia a estas. Por meio da análise dos poemas, ficou demonstrado como os fatores biográficos são de grande importância para o conteúdo da obra.

O presente social e histórico representado na ascensão do nazismo e do fascismo, no irromper da Guerra Civil Espanhola e na conflagração da Segunda Guerra Mundial, tanto quanto o acirramento das questões ideológicas entre capitalismo e comunismo, coincidem, e não por acaso, em sua poesia, com o desvelar de seu drama existencial. (SANT'ANNA, 2008, p. 99)

Ainda segundo Affonso Romano de Sant'Anna, é o livro com o maior número de poemas dedicados à destruição, a qual se apresenta como contrapeso da própria vida, o que torna a obra crucial, pois é o auge da consciência espaciotemporal do autor. Seus poemas se tornam registro de um período da História.

Em contrapartida, há também a necessidade de se refazer em meio às cinzas e ter esperança de que um novo e melhor momento possa chegar, pois se, diante da destruição, não há renovação, ela se torna o fim.

A poesia de *Rosa do povo* não é a poesia de participação na obra drummoniana. Tais poemas são *uma* das faces de uma participação múltipla, que não se esgota no social, mas se estende dentro da história do próprio indivíduo naquilo que tem de mais pessoal e intransferível, justapondo o universal e o particular. (SANT'ANNA, 2008, p. 101)

A escolha dos três poemas estudados foi realizada de forma a elucidar como a composição “destruição-esperança” está presente na obra de Drummond, dentro do livro *A Rosa do Povo*, assim como investigar de que forma ela é apresentada.

O poema *A Flor e a Náusea* demonstra com perfeição de que forma a fé em algo melhor pode nascer dos lugares mais inesperados e adversos. A flor, mesmo que feia, irrompe o asfalto com uma mensagem muito clara: ainda há esperança. “Estranha flor esta que “desbotada”, fechada ainda, com um nome que não está nos livros. É feia. Mas é uma flor. Furou o sapato, o tédio, o nojo, e o ódio.” (SANT'ANNA, 2008, p. 100)

A morte do “nosso” leiteiro demonstra que, apesar de machucados, ainda existem aqueles que têm coragem para se esgueirar por becos para levar um pouco de “vida” àqueles que não podem pagar por ela, mesmo que custe a sua própria. “A morte transforma a vida do homem em destino.” (SANT'ANNA, 2008, p. 160)

Cidade Prevista é o canto caloroso de um poeta ferido pela história, mas que vislumbra um país e mundo melhores no futuro, mesmo que isso demore a chegar. “No caso de Drummond, o objeto perdido, e ainda desejado, não é um evento do passado, como ensina Freud, nem tampouco a tradição, como se vê na linhagem aberta por Baudelaire, mas sim o desejo da ação, a vontade de mudar o mundo com a arte” (SAID, 2005, p. 106)

Segundo Faustino,

A poesia de Carlos Drummond é um documento crítico de um país e de uma época (no futuro, que quiser conhecer o *Geist* brasileiro, pelo menos de entre 1930 e 1945, terá que recorrer muito mais a Drummond que a certos historiadores, sociólogos, antropólogos, e “filósofos” nossos...) e um documento humano “apologético do homem”. (FAUSTINO, 1957)

As angústias contidas nos versos de Drummond expressam os conflitos desse poeta acerca das ideologias dominantes e do papel do artista intelectual em um tempo tão conturbado. Em sua poesia, é possível sentir o peso das guerras, das revoluções e ditaduras e, por isso, sua obra é aclamada e tida como referência para muitos como registro histórico de uma época.

Mas, muito além, *A Rosa do Povo* é um testemunho de que, por meio da resistência, há esperança para um futuro melhor, mesmo que ele demore a chegar.

“Sou pessimista, mas há uma espécie de contraveneno dentro de mim e acabo falando em esperança”

Carlos Drummond de Andrade

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo** – 1ª Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012

_____. **50 anos de poesia nas de Drummond**. Entrevista concedida a Cremilda Medina. O Estado de São Paulo, São Paulo, 1 abr. 1980

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira** – 50. ed. – São Paulo : Cultrix, 2015.

CANDIDO, Antônio. **Inquietudes na poesia de Drummond**. In: Vários Escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

_____. **Crítica e sociologia**. In: Literatura e sociedade. São Paulo: Publifolha, 2000b

CORREIA, Marlene de castro. **Drummond: a magia lúcida** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

FAUSTINO, Mário. **Suplemento Dominical do Jornal do Brasil**. 21 abr. 1957, p. 5.

MELO NETO, João Cabral de. **Prosa** – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

PILATI, Alexandre. **O poeta nacional sem nação: impasses da formação do Brasil na lírica de Carlos Drummond de Andrade**. 2007. 222p. Dissertação (doutorado) – Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas.

SAID, Roberto. **A angústia da ação: poesia e política em Drummond** – Curitiba: Ed. UFPR; Belo Horizonte : Ed. EFMG, 2005

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Drummond: o gauche no tempo**. 5ª ed. rev. – Rio de Janeiro: Record, 2008.